

Teoria sintáctica e aquisição da língua materna: o que temos aprendido?'

João Costa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução

A introdução do Programa Minimalista, proposta em Chomsky (1993), implicou várias alterações no desenho do modelo de análise sintáctica. Estas alterações têm implicações óbvias para vários domínios, sendo um deles o estudo da aquisição da língua materna, cuja compreensão constitui um dos objectivos centrais do paradigma de investigação generativista. No presente texto, pretendo cumprir quatro objectivos:

(i) sintetizar algumas das diferenças entre os pressupostos da Teoria da Regência e Ligação (Chomsky 1981, 1986) e do Programa Minimalista, propondo uma avaliação crítica de algumas dessas diferenças e tentando mostrar que nem sempre as alterações propostas foram acompanhadas de ganhos empíricos significativos;²

(ii) mostrar como algumas das alterações propostas têm conduzido a novas questões de investigação no domínio da aquisição da sintaxe da língua materna, contribuindo, assim, para avanços empíricos e teóricos nos estudos em aquisição;

(iii) mostrar como, por outro lado, os resultados da investigação em aquisição fornecem contributos para a avaliação de algumas das propostas feitas no quadro do Programa Minimalista;

(iv) reforçar a ideia de que, apesar de se viver actualmente alguma instabilidade em termos de partilha de suposições analíticas, há ganhos empíricos significativos na opção por adoptar uma análise linguisticamente fundamentada para o fenómeno da aquisição da língua materna.

2. Da Teoria da Regência e Ligação ao Programa Minimalista.

Uma das linhas orientadoras essenciais do Programa Minimalista, formulado em Chomsky (1993), consiste na declaração de intenções de eliminação de redundâncias da teoria sintáctica. Considerem-se, por exemplo, os mecanismos para a atribuição de Caso disponíveis na Teoria da Regência e Ligação: de acordo com este modelo, Caso é atribuído numa de duas configurações – regência e concordância entre especificador e núcleo. Crucialmente, o mesmo Caso estrutural pode ser atribuído opcionalmente sob

¹ Parte da investigação conducente a este trabalho foi desenvolvida no âmbito do projecto POC/LIN/57377/2004, financiado pela FCT-MCTES.

² Esta síntese inspira-se no trabalho realizado em Costa e Figueiredo Silva (2004).

uma destas configurações. Propõe-se, em Chomsky (1993), a eliminação da regência enquanto instrumento de análise. Esta proposta acarreta um ganho importante, na medida em que se introduz, de forma sistemática, a preocupação de considerar a *economia* como medida de avaliação de propostas concorrentes. Contudo, é claro que a eliminação de alguns instrumentos foi feita de forma parcialmente arbitrária, tendo como consequência perdas empíricas significativas. No caso da eliminação do conceito de regência, tornou-se obscuro como dar conta de todos os efeitos decorrentes do Princípio da Categoria Vazia, que se apoia fortemente na noção de regência.

De entre as diferenças entre a Teoria da Regência e da Ligação e o Programa Minimalista, devem ser referidos quatro aspectos essenciais que os distinguem: o papel desempenhado pela noção de economia; a passagem para um modelo estritamente derivacional, eliminando-se os níveis de representação; o papel desempenhado pelas interfaces; os factores de variação interlingüística. Referirei, brevemente, cada um destes aspectos.

Economia. Já foi referido acima que o Programa Minimalista assenta, em larga medida, numa preocupação essencial em eliminar instrumentos redundantes da teoria, tornando-se, assim, relevante integrar a *economia* como meio de avaliação do próprio modelo. Esta característica não é necessariamente diferenciadora dos dois modelos, uma vez que a redução e eliminação de instrumentos de análise desnecessários é subjacente a toda a actividade científica. O que se apresenta como inovador no Programa Minimalista é a proposta de que a *economia* é um instrumento de análise. A introdução da economia como instrumento de análise manifesta-se, de forma crucial, em dois aspectos: por um lado, torna-se necessário encontrar motivação para todas as operações sintácticas (por exemplo, o movimento de constituintes deve ser independentemente motivado, não podendo operar apenas para derivar uma ordem superficialmente atestada); por outro lado, a economia de derivações e representações é entendida como uma forma de comparar derivações sintácticas, podendo-se justificar a agramaticalidade de uma frase por a sua derivação ser menos económica do que uma outra concorrente (ver Collins 1997, para uma síntese sobre esta questão). Importa apontar que a introdução da noção de economia como instrumento de análise, se, por um lado, obrigou a um aumento de rigor na motivação de operações, por outro lado, criou alguma instabilidade, uma vez que, apesar de várias tentativas, ainda não é claro como formalizar esta noção de forma rigorosa.

Derivação e níveis de representação. No Programa Minimalista, propõe-se a eliminação dos níveis de representação. Consequentemente, não há operações e processos que façam referência apenas a parte da representação ou, mais precisamente, apenas a um nível de representação. Uma das consequências imediatas da proposta de eliminação dos níveis de representação e da adopção de uma perspectiva estritamente derivacional foi a concepção de um módulo sintáctico menos complexo, porque mais uniforme. De acordo com esta perspectiva, a componente sintáctica reduz-se a um módulo de geração de estrutura através da operação *Merge*, responsável pela concatenação binária de elementos, com posterior eliminação de toda a informação

irrelevante para as interfaces com as restantes componentes através de mecanismos de verificação, que podem ser efectuados através de processos de movimento ou de estabelecimento de relações locais. Contudo, a eliminação dos níveis de representação obrigou a tratar noutras componentes da gramática alguns fenómenos que eram tradicionalmente analisados como dizendo respeito a apenas alguns níveis de representação. É por esta razão que as interfaces ganham um papel importante no Programa Minimalista.

O papel das interfaces. Como foi referido, a eliminação dos níveis de representação foi parcialmente responsável pela dedicação de uma atenção especial a fenómenos de interface. Adoptou-se, assim, em alguns casos, uma perspectiva menos sintacticocêntrica de alguns fenómenos, prestando-se atenção à interacção entre a componente sintáctica e as restantes componentes da gramática. Importa dizer que, no início dos anos 90, houve vários trabalhos em que esta atenção ao papel desempenhado pelas interfaces não se concretizou da forma mais clara. Na verdade, como consequência da tentativa de eliminação de instrumentos teóricos e dos níveis de representação, tentou-se empurrar para as interfaces ou para outras componentes da gramática muitos fenómenos que deixavam de ter uma análise clara na componente sintáctica. Constituem exemplos deste tipo de tentativa esboços de análise dos fenómenos de subjacência como questões de processamento ou de fenómenos V2 como “epifenómeno sintáctico” analisável na componente fonológica. Muitas destas hipóteses revelaram-se infrutíferas e foram rapidamente abandonadas sem que muitas delas se tivessem concretizado em trabalhos específicos. Numa segunda fase, a atenção dedicada ao papel desempenhado pelas interfaces traduziu-se num conjunto de estudos sistemáticos sobre a relação entre a sintaxe e as outras componentes da gramática, desenhando-se propostas concretas de articulação e mapeamento entre os produtos de cada um dos módulos. Exemplo deste tipo de trabalhos constituem os trabalhos de Zubizarreta (1998), Reinhart (1995), Halle e Marantz (1993), entre outros. Nesta medida, houve alguns ganhos significativos, uma vez que foi possível entender com mais precisão o conjunto de princípios que regulam determinados fenómenos, já que se puderam incluir condições de natureza morfológica, fonológica ou pragmática, tradicionalmente ignoradas em perspectivas estritamente sintácticas sobre os mesmos fenómenos.

Varição interlinguística. Consideremos, finalmente, as diferenças entre os dois modelos no que diz respeito à variação interlinguística. Na Teoria da Regência e Ligação, mais precisamente no quadro do modelo de Princípios e Parâmetros, é formulada a hipótese de que a variação interlinguística (na sintaxe) se reduz a parâmetros binários. Se esta é a visão ideal, na prática, foram poucos os parâmetros formulados como estritamente binários. Várias fontes de variação paramétrica foram identificadas, mas, em termos de formulação, muitos não passam de descrições de diferenças atestadas, sem que se tivesse conseguido estabelecer uma formulação comum para os diferentes parâmetros. Esta caracterização não significa que não se tenham obtido resultados bastante significativos, observáveis nas correlações entre fenómenos

ou na constatação de que há feixes de propriedades associáveis a uma única especificação para um valor paramétrico (por exemplo, no caso do parâmetro do sujeito nulo, associado a propriedades como a atribuição de caso nominativo à direita ou os efeitos *that-t*). No âmbito do minimalismo, propõe-se uma formalização dos parâmetros em termos de uma subteoria de traços formais associados às categorias funcionais, podendo fazer-se predições sobre os limites da variação entre línguas. É óbvio que, em algumas análises, a especificação dos valores dos traços se resume a uma codificação neste formalismo dos correlatos superficialmente observáveis, mas, ainda assim regista-se algum progresso, já que tem crescido a atenção dedicada ao tipo de traços que são relevantes para explicar variação e aos valores que estes podem assumir (ver, por exemplo, Pesetsky e Torrego (2006) ou Alexiadou e Müller (2005)).

O aparecimento do Programa Minimalista gerou alguma indeterminação analítica, por razões intrínsecas e circunstanciais. Como vimos, algumas questões essenciais não foram definidas de forma precisa, como o papel das interfaces ou a noção de economia. Acresce que o Programa Minimalista coincide com a "explosão" do domínio funcional decorrente do trabalho de Pollock (1989). Torna-se evidente que se tornam pouco claros os pontos de consenso entre sintactocistas, assistindo-se a uma pulverização de assunções e a uma grande falta de unanimidade relativamente aos pressupostos de base para a análise dos mais variados fenómenos. Esta indeterminação analítica (quase comparável a algum "pós-modernismo" que tudo relativiza, tornando pouco claras as premissas do modelo) gerou "atitudes" bastante diferenciadas face ao Minimalismo: optimistas, pessimistas e moderadas.

Os mais optimistas, conscientes da necessidade de eliminação de instrumentos redundantes, congratulam-se com o Minimalismo, chamando a atenção para as vantagens da comparação explícita de hipóteses. Considere-se, a título de exemplo, o caso de ordens VS, deriváveis através de movimento do verbo com sujeito in-situ, através de movimento do verbo para C ou por um mecanismo misto. Uma comparação explícita entre estas hipóteses mostra que não se excluem para uma mesma língua (e.g. Costa 1998), mas este tipo de comparação não era tradicionalmente feito. Nas perspectivas optimistas, são ainda enfatizadas as vantagens de se adoptar um modelo em que se dão passos claros para uma formulação mais precisa do formato dos parâmetros sintácticos ou para uma mais clara compreensão do papel desempenhado pelas interfaces.

Este tipo de atitude contrasta com visões mais pessimistas, que não se conformam com alguma arbitrariedade na eliminação de alguns instrumentos de análise e com algumas perdas significativas do ponto de vista empírico. Os mais pessimistas têm centralizado as suas críticas também no facto de se terem introduzido algumas reformulações terminológicas sem ganhos associados (veja-se, por exemplo, a semelhança clara entre algumas formulações de regência e de *Agree*) e na circularidade de algumas análises que, por serem circulares, perdem valor explicativo (tome-se como exemplo a ideia de que um constituinte se move devido ao valor forte dos seus traços, cuja especificação se justifica pelo facto de se observar movimento). Finalmente, tem sido criticada a visão sintactocêntrica do conceito de economia global, que, na

tentativa de eliminar instrumentos de análise da componente sintáctica, sobrecarrega as restantes componentes de complexidade potencialmente dispensável.³

A perspectiva que, a meu ver, é mais interessante consiste na percepção de que não há uma ruptura entre a Teoria da Regência e da Ligação e o Programa Minimalista, mas apenas mudanças em alguns instrumentos de análise, já que o pressuposto de que os instrumentos redundantes devem ser eliminados ou redefinidos é independente de um modelo de análise específico. Neste sentido, não havendo ruptura, as mudanças propostas devem ser avaliadas parcelarmente nos domínios em que são feitas predições diferentes. Há áreas em que os dois modelos são indistintos relativamente às predições que fazem, como por exemplo no caso das estruturas de adjunção, mas há domínios em que as predições são bastante diferenciadas, constituindo, assim, áreas privilegiadas de comparação entre as propostas específicas da Teoria da Regência e da Ligação e do Programa Minimalista. As áreas em que há predições claramente distintas são a variação interlinguística, as questões de interfaces e a aquisição da linguagem. Na próxima secção, tentarei mostrar por que motivo considero a aquisição uma área relevante para a comparação de modelos e de que forma os próprios estudos em aquisição têm beneficiado dos contributos das propostas minimalistas.

3. O Programa Minimalista e a aquisição da língua materna

Para clarificar de que forma entendo que a área da aquisição constitui um domínio relevante para a comparação entre os modelos da Teoria da Regência e Ligação e o Programa Minimalista, vejamos as tarefas assumidas para a criança no processo de aquisição da sintaxe em cada um destes modelos.

No modelo de Princípios e Parâmetros, assumido no quadro da Teoria da Regência e Ligação, propõe-se que a criança, para além de aprender o léxico, fixe o valor de parâmetros **de natureza diversa**, determine o nível de representação em que se aplicam determinados princípios e, finalmente, que aprenda princípios particulares específicos de determinadas línguas (esta última propriedade não é claramente declarada, mas, se fizermos uma revisão de várias análises propostas para a gramática do adulto, apercebemo-nos claramente de que é implícito que o processo de aquisição passará pela aprendizagem de princípios específicos de determinadas línguas particulares).

De acordo com as alterações introduzidas no Programa Minimalista, a tarefa da criança é, pelo menos aparentemente, mais simples. A criança terá de aprender o léxico, aplicar as operações *Merge* e *Mover* de forma eficiente e, finalmente, descobrir os valores dos traços associados a categorias funcionais.

Vimos, na secção anterior, que dois domínios em que os dois modelos se diferenciam são a natureza dos parâmetros e o papel desempenhado pelas interfaces. Estes dois domínios são assim uma área em que se pode fazer uma avaliação da forma como o Programa Minimalista tem influenciado os estudos em aquisição e, por outro

³ Para uma síntese das críticas apontadas, ver Lappin, Levine e Johnson (2000), publicado na revista *Natural Language and Linguistic Theory*, que também publicou várias respostas a estas críticas.

lado, da forma como os resultados dos estudos em aquisição permitem validar ou infirmar algumas das hipóteses colocadas.

Começamos por uma reflexão sobre o formato dos parâmetros. Assumindo-se que uma tarefa substancial da criança na aquisição da sintaxe consiste na fixação dos valores dos parâmetros e reconhecendo-se que muitos dos parâmetros são fixados bastante precocemente (Wexler 1998), torna-se interessante estudar o processo de aquisição de domínios de variação paramétrica para se entender que formato de parâmetro deve ser assumido. Na literatura pré-minimalista, observa-se, a partir do trabalho de Hyams (1986), uma tentativa de identificar escalas de desenvolvimento que iniciem uma fixação gradual dos diferentes tipos de parâmetros e de entender se determinados parâmetros apresentam um valor universalmente considerado não-marcado, que se traduza em comportamentos iniciais uniformes independentemente da língua a ser adquirida.⁴

Como foi referido, uma das propostas minimalistas consiste na restrição da variação paramétrica a um conjunto limitado de especificações para traços associados a categorias funcionais, sendo a operação *Mover* um subproduto das especificações assumidas. Propõe-se, ainda, em Chomsky (1995, 1998, 2001), que *Mover* e *Merge* são duas vertentes da mesma operação. Esta proposta tem implicações óbvias para os estudos em aquisição: se há uma redução dos vários parâmetros a um mesmo mecanismo formal, parece tornar-se menos interessante estudar o desenvolvimento de parâmetros individuais. Por outro lado, os estudos em aquisição assumem um papel determinante na avaliação desta proposta: se se perceber que nem todos os parâmetros se comportam de forma uniforme, é possível, a partir dos dados da aquisição, questionar os limites da uniformização e da redução da variação paramétrica a um factor único. A investigação em aquisição, face às predições das hipóteses desenhadas sob pressupostos minimalistas, permite ainda levantar outras questões sobre a noção de parâmetros.

Para além da identificação de comportamentos uniformes para diferentes parâmetros, torna-se interessante, face à deslocação da análise de alguns fenómenos da sintaxe para outras componentes da gramática, tentar perceber se, do ponto de vista da aquisição, há evidência para relacionar certos fenómenos sintácticos com processos ou restrições não sintácticos. Por exemplo, em Guasti et al. (1996), coloca-se a hipótese de o parâmetro da direcionalidade, responsável pela determinação de padrões de ordem OV ou VO (Travis 1984), ser fixado a partir da informação providenciada pelos padrões de proeminência prosódicos. Exploram-se, assim, relações entre a componente prosódica e sintáctica, que não seriam facilmente relacionáveis sem uma teoria articulada da interacção entre as diferentes áreas da gramática.

A assunção de que as componentes da gramática se relacionam de formas distintas das tradicionalmente assumidas, com a deslocação para as áreas de interface de fenómenos tradicionalmente concebidos como sintácticos, recoloca a questão de

⁴ Este tipo de trabalho é desenvolvido em Hyams (1986) para o parâmetro do sujeito nulo, propondo-se que o valor não-marcado é o positivo, em virtude de serem atestados sujeitos nulos em línguas como o inglês. A mesma autora mostrou, em estudos posteriores (p.ex. Hoekstra e Hyams 1997), que há comportamentos paralelos, como o fenómeno infinitivo raiz, que mostram que, na idade em que produzem sujeitos nulos, as crianças inglesas já terão fixado o valor deste parâmetro negativamente.

determinar exactamente qual a experiência espletadora relevante para a fixação de determinados parâmetros. Assim, observam-se várias propostas sobre, por exemplo, a relevância da morfologia para a fixação de parâmetros relacionados com movimento do verbo (Vikner 1997, Bobaljik 2001, Gonçalves 2001, 2002, Loureiro 2006), ou da importância da prosódia para a fixação de parâmetros relacionados com ordem de palavras, como foi referido.

Para clarificar a forma como um estudo da aquisição de uma determinada construção pode assumir relevância para a avaliação de uma hipótese específica, consideremos o seguinte exemplo, a partir da investigação conduzida por Carla Soares (Soares 2003). A autora, investigando a aquisição do movimento-wh em interrogativas parciais, observa que as interrogativas com movimento, como em (1a), ocorrem bastante cedo do que as interrogativas in-situ, exemplificadas em (1b):

- (1) a. O que fizeste?
b. Fizeste o quê?

Recorde-se que, de acordo com o Programa Minimalista, o parâmetro que determina o movimento destes constituintes é formulado como um movimento para a legitimação de um traço formal associado ao constituinte interrogativo. Contudo, a questão de determinar se a variação paramétrica atestada na diferença entre línguas com e sem movimento deve ser entendida como uma diferença entre uma associação de traços fortes ou fracos ao núcleo funcional envolvido ou como uma diferença relativa ao mecanismo de legitimação (através de movimento ou por legitimação à distância, sob *Agree*). Os dados revelados em Soares (2003) mostram, de forma clara, que o movimento não é problemático na aquisição, dado que as crianças, inicialmente, optam pela construção com movimento. Esta constatação coloca em causa o papel desempenhado pelas condições de economia neste modelo. Paralelamente, com base nestes dados, é possível mostrar que *Mover* e *Agree* não são duas instâncias indistintas da mesma operação. Se assim fosse, esperaríamos comportamentos opcionais, ao contrário do revelado pelos dados. Finalmente, através deste exemplo, consegue perceber-se que uma formulação do parâmetro em termos de mecanismos de legitimação é mais adequada do que uma opção pela formulação em termos de uma oposição entre traços fortes e fracos, uma vez que a opcionalidade na gramática do adulto levaria a uma refixação do valor do parâmetro ou a uma indeterminação em termos de fixação do seu valor. O facto de as crianças não apresentarem oscilação permite defender que é assumido um mecanismo de legitimação único (por marcação de escopo ou por estabelecimento de uma relação dependencial (Cheng 1991)), que, no estágio inicial, não alterna com outras possibilidades de legitimação. Mais do que uma discussão exaustiva sobre esta construção específica ou sobre a sua aquisição, era meu objectivo mostrar como os resultados do estudo da aquisição de uma simples construção permitem afinar os instrumentos de análise propostos e questionar algumas suposições sobre o formato dos parâmetros. A título de curiosidade, Soares (2003) também mostra que a aquisição do movimento do constituinte interrogativo precede a aquisição do movimento de I-para-C, o que aponta para a não-uniformidade de todos os parâmetros.

Passemos agora para a relação entre os estudos em aquisição e as interfaces. Há duas consequências imediatas da perspectiva minimalista sobre as interfaces para os estudos em aquisição. Na literatura pré-minimalista em aquisição, assistiu-se com alguma frequência a uma tentativa de atribuir comportamentos desviantes face à gramática do adulto a outras componentes da gramática que não a sintaxe. Esta tendência surge como consequência da assunção de hipóteses de continuidade na aquisição da sintaxe. Tornando-se mais específico o papel desempenhado pelas interfaces, torna-se necessário reavaliar este tipo de propostas. Por exemplo, em De Cat (2002), mostra-se, num estudo da aquisição da deslocação à esquerda por crianças francesas, que, ao contrário do sugerido em algumas análises de construções sintáticas (como proposto para a aquisição de clíticos e de *scrambling* em Schaeffer 1997), não há evidência para assumir que as crianças adquirem todas as restrições de natureza pragmática tardiamente. Assim, torna-se necessário testar competência sintática independentemente da competência noutras componentes da gramática. Este tipo de testagem independente é feito, por exemplo, em Adragão (2001) para a aquisição da inversão sujeito-verbo, mostrando-se que a aquisição tardia de estruturas de inversão sujeito-verbo com verbos transitivos e intransitivos não pode ser atribuída a um défice de conhecimento sobre as propriedades informacionais associadas a esta construção. Um outro exemplo concreto da forma como os avanços nos estudos sobre a relação entre a sintaxe e as outras componentes da gramática condicionam os estudos em aquisição é patente em estudos sobre a aquisição do parâmetro do sujeito nulo, diferenciando-se as características morfológicas, pragmáticas e sintáticas associadas a este parâmetro (ver, por exemplo, Grinstead 1998, para discussão).

Como foi referido, em várias propostas, assume-se que questões tradicionalmente tratadas como sintáticas são resolvidas pós-sintacticamente. Por exemplo, em trabalhos como os de Reinhart (1999) ou Hornstein (2001), é proposto que a escolha entre diferentes formas pronominais na compreensão e na produção se faça através da comparação entre derivações sintáticas convergentes. Esta concepção permite fazer predições sobre complexidade computacional, conforme explicitado em Reinhart (1999), abrindo caminho para investigação que leve em conta não apenas a produção das crianças, mas o papel desempenhado pela memória de trabalho na compreensão de estruturas alternativas.

Vemos, assim, que há domínios precisos em que os avanços na teoria permitiram colocar novas questões para os estudos em aquisição e que estes, por sua vez, têm permitido avaliar algumas das propostas concretas dos desenvolvimentos da teoria. Importa, contudo, perceber se a “moldagem” dos estudos em aquisição à luz dos desenvolvimentos da teoria é um passo desejável.

4. Ganhos da perspectiva linguística sobre a aquisição da sintaxe

Retomando a questão colocada no final da secção anterior, é importante avaliar se o desenho dos estudos em aquisição em função dos avanços feitos na teoria sintática traz ganhos substanciais para a descrição e compreensão do fenómeno da aquisição, sobretudo num momento em que não há consenso na comunidade de sintacticistas sobre

as vantagens desses avanços. Julgo que os resultados da investigação em aquisição atingidos na última década mostram que os ganhos são claros, pelo menos em dois domínios: no rigor descritivo e na aplicabilidade dos resultados da investigação.

4.1. Rigor descritivo

Apresento alguns exemplos de como algumas preocupações levantadas pela teoria sintáctica contribuíram para uma melhor descrição dos dados da aquisição.

Como já foi referido, em Hyams (1986), observa-se que as crianças falantes de línguas que não são de sujeito nulo produzem sujeitos nulos nas suas produções iniciais. Desenvolvimentos recentes na teoria sintáctica mostram que os sujeitos nulos podem ser de diferentes tipos: *pro* (atestado nas línguas de sujeito nulo com morfologia flexional rica, como o português europeu), PRO (atestado em contextos infinitivos), variável ligada-A ou A' (defendido para o português brasileiro e para o caboverdiano em Modesto 2000 e Costa e Pratas 2006, respectivamente) ou Constante Nula (conforme atestado em contextos de queda de tópico, como nos registos de diário em inglês, por Haegeman 1997). Sabendo-se que a(s) gramática(s) do adulto apresenta(m) esta variação na tipologia de sujeitos nulos, torna-se ilegítimo assumir que os sujeitos nulos atestados por exemplo nas produções iniciais das crianças inglesas são necessariamente comparáveis a *pro*. Na verdade, vários autores, em particular Rizzi (1994), avaliando explicitamente as diferentes possibilidades, conclui que o tipo de sujeito nulo em questão apresenta mais propriedades semelhantes às de uma Constante Nula do que a um sujeito nulo identificável por morfologia verbal rica. Consegue-se, desta forma, um maior rigor na caracterização das propriedades do sujeito nulo na gramática das crianças.

Um outro domínio exemplar diz respeito à aquisição do domínio funcional. Em Menyuk (1988), refere-se que as crianças produzem um discurso caracterizável como "telegráfico". Em vários desenvolvimentos da teoria sintáctica, estabelecem-se diferenças cruciais entre os domínios lexical e funcional da frase. Estas diferenças permitem uma descrição mais rigorosa do chamado discurso telegráfico, na medida em que se torna evidente, conforme descrito em Radford (1994), entre outros, que há uma assimetria entre o domínio lexical e funcional na aquisição, uma vez que as crianças omitem elementos que são produzidos no domínio funcional. O Programa Minimalista, como se referiu nas secções anteriores, propõe, de forma explícita, que grande parte da variação entre línguas se deva a propriedades associadas ao domínio funcional da frase. Este tipo de proposta levanta a questão de saber se, face à variação prevista, há um comportamento uniforme no desenvolvimento linguístico na omissão de categorias funcionais. Wexler et al. (2003) constatam, com efeito, que a omissão não é uniforme. Estudando o fenómeno de omissão de clíticos, estes autores mostram que há omissão de clíticos nas produções iniciais apenas em algumas línguas. Conjugando a observação de que há variação no domínio funcional com a observação de que há variação nas categorias nulas, Costa e Lobo (2005, 2006) mostram que é necessário testar contextos sintácticos diferenciados, como os contextos de ilha forte, para distinguir a mera omissão de clíticos de objectos nulos. Vê-se, assim, que a informação trazida da teoria

sintáctica permite uma caracterização mais fina e diferenciada das produções iniciais das crianças, inicialmente caracterizadas como “telegráficas”.

Considere-se ainda o caso do estudo da aquisição dos princípios da teoria da ligação. Em Chien e Wexler (1990), observa-se que as crianças apresentam dificuldades no estabelecimento de referência disjunta com pronomes em frases simples, fenómeno que ficou conhecido na literatura como *Delayed Principle B Effect*. A percepção de que existe variação interlinguística no domínio funcional e o aprofundamento de estudos sobre a relação entre a sintaxe e as outras componentes da gramática levou a que este estudo fosse reproduzido para outras línguas e tendo em conta distinções entre subclasses semânticas de potenciais antecedentes para os pronomes. McKee (1992) mostrou, convincentemente, que os efeitos descritos no estudo de Chien e Wexler não são universais, dependendo do estatuto funcional do pronome. Grodzinsky e Reinhart (1993) mostraram que diferentes tipos de antecedentes interferem nos resultados do teste, atribuindo os baixos níveis de desempenho a um défice na pragmática e não a um atraso na aquisição de um princípio da Teoria da Ligação. Em Reinhart (1999), Grolla (2006) e Cristóvão (2006), mostra-se que uma atribuição precisa das tarefas desempenhadas pela componente sintáctica e pelas restantes componentes permite uma caracterização mais pormenorizada e clara dos comportamentos exibidos pelas crianças nas diferentes tarefas de compreensão. Este papel desempenhado pelas interfaces permite, assim, passar de uma descrição em termos de um problema generalizado na interpretação de pronomes para uma caracterização que diferencia contextos de ligação de contextos de co-referência, tendo em conta a natureza funcional ou lexical do pronome e o estatuto semântico do antecedente.

O mesmo tipo de distinção entre o papel desempenhado pela sintaxe e pela componente pragmática ou informacional tem gerado avanços de rigor descritivo em domínios tão diferenciados como a aquisição da elipse do sintagma verbal (Santos 2006) (diferenciando-se os elementos pragmáticos e sintácticos que condicionam o domínio estável desta construção), de padrões de inversão sujeito verbo (Adragão 2001) (mostrando-se que uma aquisição tardia da inversão com algumas subclasses verbais não se deve a um défice na componente pragmática), de sensibilidade a diferentes estratégias de focalização (Szendrői 2003, Costa e Szendrői 2004) (revelando-se o papel desempenhado por ordem de palavras e acento para a identificação de constituintes focalizados) ou de estratégias de topicalização (de Cat 2002) (assinalando-se o facto de um domínio precoce de estratégias de topicalização constituir independência contra uma maturação tardia generalizada da componente pragmática).

Estes vários exemplos mostram, assim, que a integração de instrumentos de análise da teoria sintáctica tem potenciado, em diferentes domínios, uma melhor caracterização das propriedades das produções iniciais das crianças.

4.2. Aplicabilidade

A adopção de instrumentos recentes da teoria sintáctica nos estudos em aquisição tem produzido frutos que se revestem de grande importância, dado que os avanços em rigor descritivo potenciam um aumento de qualidade na sua aplicabilidade. Este

aumento de qualidade na aplicabilidade manifesta-se, de forma mais evidente, no facto de as especificidades das línguas particulares serem conhecidas, num maior rigor do controlo de variáveis e numa mais efectiva identificação de padrões de desvio. Passo a apresentar exemplos para cada uma destas vertentes.

Retomemos o caso da omissão de clíticos referido anteriormente. Como descrito em Costa e Lobo (2005), por contraste com os resultados de Wexler et al. (2003), as crianças portuguesas omitem mais clíticos do que as crianças espanholas e durante mais tempo. Estes resultados diferenciados mostram que os testes de desenvolvimento linguístico baseados na elicitación de material funcional têm de ser elaborados de forma diferenciada para diferentes línguas. De igual modo, em caso de distúrbio no desenvolvimento linguístico, as tarefas de estimulação devem ser diferenciadas. Esta questão é particularmente relevante para a construção de testes para diagnóstico de perturbações de desenvolvimento, uma vez que se torna óbvio que a mera tradução e adaptação de testes desenvolvidos para outras línguas se pode tornar ineficiente e enganadora.

Ainda no domínio da aquisição dos clíticos, os resultados de Costa e Lobo (2006) e Carmona e Silva (2006) mostram que esta se processa de forma gradual e em termos de complexidade, observando-se que os clíticos reflexos são adquiridos antes dos dativos e dos acusativos. A gradualidade e sequência de aquisição é um factor a ter em conta na planificação de materiais com fins didácticos para os ensinamentos pré-escolar e de 1º ciclo, que não podem ignorar os resultados deste tipo de investigação para uma adequação eficiente dos materiais produzidos.

No que concerne o controlo de variáveis, temos, neste momento, evidência clara para afirmar que o desenvolvimento linguístico é modular e que a relação entre a sintaxe e as restantes componentes desempenha um papel crucial na explicação de diferentes fenómenos. Esta percepção não pode ser ignorada nos vários domínios de aplicação, devendo a avaliação de competência linguística autonomizar as diferentes componentes para diferentes fins. A título de exemplo, considere-se a Perturbação Específica do Desenvolvimento Linguístico. Conforme documentado em vários estudos, como Leonard (1998) ou Friedmann e Givón (2002), esta doença pode ser selectiva relativamente à componente da gramática afectada, existindo crianças que apresentam distúrbios apenas fonológicos ou apenas sintácticos, por exemplo. Esta constatação implica que os meios diagnósticos e terapêuticos não podem ignorar os resultados da investigação para o que está a ser testado. Se os estudos sobre a gramática do adulto revelam que a análise de uma determinada construção envolve a sintaxe e a estrutura informacional e se estudos sobre a aquisição dessa construção revelam desenvolvimentos independentes dessas componentes, os instrumentos terapêuticos precisam de ter em conta a testagem independente de competência sintáctica e comunicativa para uma boa identificação da área de intervenção.

Directamente relacionada com esta última questão, a qualidade da aplicabilidade também pode ser potenciada na identificação de padrões de desvio. A título de exemplo, considerem-se os seguintes domínios em que a utilização dos resultados da investigação pode conduzir a dados mais rigorosos sobre padrões de desvio:

(i) referiu-se acima que a taxa de omissão de elementos funcionais é variável de língua para língua. Esta constatação permite prever que a identificação de, por exemplo, distúrbios para os quais a omissão de determinantes ou clíticos constitui um marcador clínico seja norteada por uma comparação com as taxas de omissão encontradas para as diferentes línguas, para os diferentes subtipos de elemento funcional e para os diferentes contextos sintáticos relevantes;

(ii) sabendo-se que os problemas de estabelecimento de leituras co-referentes dependem do estatuto lexical ou funcional dos pronomes, a identificação rigorosa de um comportamento desviante dependerá crucialmente de uma classificação clara da tipologia dos pronomes envolvidos nas diferentes construções nas diferentes línguas;

(iii) havendo diferenças entre as línguas do mundo na marcação de exaustividade e sabendo-se que as respostas exaustivas podem constituir um marcador clínico de distúrbios no desenvolvimento linguístico (Schulz e Penner 2002), podem-se caracterizar mais claramente as marcas de desvio tendo em conta a especificidade dos tipos de construção interrogativa associados a respostas exaustivas.

Vê-se, através destes exemplos, que a integração dos resultados dos estudos em teoria sintáctica e em aquisição pode introduzir rigor claro na identificação de padrões de desvio.

A observação de que o contributo dos estudos em sintaxe tem contribuído para uma caracterização mais detalhada e rigorosa dos comportamentos linguísticos das crianças e de que a construção de materiais para diferentes fins, em particular como ferramentas de diagnóstico, beneficia dos resultados da investigação linguisticamente fundamentada sobre aquisição mostra, de forma inequívoca, que é possível sustentar que há ganhos claros na abordagem linguística sustentada nos desenvolvimentos recentes, se bem que controversos, da teoria sintáctica aos fenómenos da aquisição.

5. Conclusões

A reflexão conduzida neste artigo procurou mostrar que a investigação em linguística teórica e em aquisição são necessariamente complementares. Por um lado, as propostas teóricas avançadas e alguns dos respectivos resultados têm sido cruciais para um melhor entendimento e para uma mais rigorosa descrição do processo de desenvolvimento linguístico, tendo os estudos em aquisição beneficiado de forma clara dos desenvolvimentos recentes da teoria sintáctica. Por outro lado, os próprios estudos em aquisição têm contribuído para avaliar algumas das propostas feitas sobre a arquitectura do modelo da gramática, servindo, assim, estes resultados como medida de avaliação empírica de propostas concorrentes.

Procurou-se ainda mostrar como os resultados obtidos nas duas frentes – na teoria sintáctica e nos estudos sobre aquisição da sintaxe – se têm revelado cruciais para o desenvolvimento de ferramentas para o diagnóstico, para a terapêutica e para a tomada de opções e construção de materiais para o ensino. Esta conclusão aponta para duas necessidades gerais: a de continuar ou reforçar a formação em linguística dos vários

agentes envolvidos nestas áreas e a de reforçar a importância de desenvolver aplicações e recursos actualizados e linguisticamente fundamentados.

Referências

- Adragão, M. M. (2001) Aquisição da Inversão numa criança entre os dois e os três anos. Ms. Universidade Nova de Lisboa.
- Alexiadou, A. e G. Müller (2005) Class Features as Probes. Ms., Universitat Stuttgart Universitat Leipzig. A publicar em Asaf Bachrach & Andrew Nevins (eds.), *The Bases of Inflectional Identity*. Oxford University Press.
- Bobaljik, J. D. (2001) 'The implications of rich agreement: why morphology does not drive syntax'. Paper presented at GLOW 24, Universidade Minho, Braga, Portugal (April 9th, 2001).
- Carmona, J. & C. Silva (2006) A aquisição de clíticos acusativos e dativos em PE. Comunicação apresentada ao XXII Encontro Nacional da APL, Coimbra.
- Chien, Y.-C. & K. Wexler (1990) Children knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity of syntax and pragmatics. *Language Acquisition* 1 (3), pp. 225-295.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1986) *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT press.
- Chomsky, N. (1986a) *Knowledge of language. Its nature, origin and use*. Praeger.
- Chomsky, N. (1989) Some notes on economy of representations and derivations. Published in Chomsky, Noam (1993) *A Minimalist Program for Linguistic Theory*. In Ken Hale and Samuel J. Keyser (eds) *The View from Building 20*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Chomsky, N. (1994) Bare Phrase Structure. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 5.
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Collins, C. (1997) *Local Economy*. Camb., Mass.: The MIT Press.
- Costa, J. (1998) *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*. Haia: HIL.
- Costa, J. e M. C. Figueiredo Silva (2004) Os anos 1990 na gramática gerativa. In: Mussali, Fernanda; Bentes, Anna Christina. (Org.). *Introdução à Linguística – Fundamentos Epistemológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 2004, v. 3, pp. 131-164.
- Costa, J. & M. Lobo (2005) A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo?. In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 285-293.
- Costa, J. & M. Lobo (no prelo) Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese?. In *Selected Proceedings from Going Romance 2005*.
- Costa, J. & M. Lobo (2006) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. Comunicação apresentada ao XXII Encontro Nacional da APL, Coimbra.
- Costa, J. & F. Pratas (2006) To allow pro does not mean being a null subject language. Comunicação apresentada na Conferência da Society for Pidgin and Creole Languages, Albuquerque.
- Costa, J. & K. Szendroi (2006) Acquisition of focus marking in European Portuguese – Evidence for a unified approach to focus. In Torrens, V., Escobar, L. (ed.) *The acquisition of syntax in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins.
- Cristóvão, S. (2006) *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

- De Cat, C. (2002) *French dislocation*. Doctoral dissertation, University of York.
- Gonçalves, F. (2001). Riqueza Morfológica e Movimento do verbo – o caso do português (PE/PB). In *Actas do XVII Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri.
- Gonçalves, F. (2002). "Comparing acquisition processes in Brazilian and European Portuguese – Additional evidence for morphology after syntax." In J. Costa & M. J. Freitas (eds.) *Proceedings of the GALA 2001 Conference on Language Acquisition*, Lisbon: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 312-319.
- Grinstead, J. (1998) Subjects, sentential negation and imperatives in Child Spanish and Catalan. Dissertação de doutoramento, UCLA.
- Grodzinsky, Y. & T. Reinhart (1993) The innateness of binding and coreference. *Linguistic Inquiry* 24, 1.
- Grolla, E. (2006) The acquisition of A- and A'-bound pronouns in Brazilian Portuguese. In *The acquisition of syntax in Romance languages*, Amsterdam.
- Guasti, M. T., Nespola, M., & A. Christophe (1996) Selecting word order: the Rhythmic Activation Principle. In U. Kleinhenz (eds.) *Interfaces in Phonology*. Berlin, Akademie Verlag, pp. 1-26.
- Haegeman, L. (1997). Register variation, truncation, and subject omission in English and French. *English Language and Linguistics*, 1: 233-270. Halle e Marantz (1993).
- Hornstein, N. (2001) *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford: Blackwell.
- Lappin, S., R. Levine e D. Johnson (2000). The Structure of Unscientific Revolutions. *Natural Language and Linguistic Theory* 18, pp. 665-771.
- Loureiro, J. (2006) Aquisição de ordem de palavras e flexão verbal no PE: produção vs. compreensão. In *Actas do XXI Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri.
- McKee, C. (1992) A comparison of pronouns and anaphors in Italian and English acquisition. *Language Acquisition* 2 (1), pp. 21-54.
- Menyuk, P. (1988) *Language Development. Knowledge and Use*. Boston: Scott, Foresman and Company.
- Modesto, M. (2000) Null Subjects without Rich Agreement. In *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, Frankfurt, Vervuert, 147-174.
- Pesetsky, D. e E. Torrego (2006) The syntax of valuation and the interpretability of features. In Karimi, S., V. Samiian and W. Wilkins (eds.) *Clever and right: A festschrift for Joe Emonds*. Mouton.
- Pollock, J.-Y. (1989). Verb Movement, Universal Grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20, pp. 365-424.
- Radford, A. (1994) The syntax of questions in child English. *Journal of Child Language* 21, pp. 211-236.
- Reinhart, T. (1995) *Interface Strategies*. OTS/Utrecht University.
- Reinhart, T. (1999) The Processing Cost of Reference-Set Computation: Guess Patterns in Acquisition.
- Rizzi, L. (1994) Some Notes on Linguistic Theory and Language Development: The Case of Root Infinitives. *Language Acquisition*, 3, pp. 371-393.
- Santos, A. L. (2006). *Minimal answers*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Schaeffer, J. (1997) *Direct object scrambling in Dutch and Italian child language*, UCLA Dissertations in Linguistics, 17.
- Schulz, P. & Z. Penner (2002) The emergence of exhaustivity in *wh*-questions. Evidence from normal and impaired language acquisition in German. Paper presented at the Workshop on "Cooperations in Research on Specific Language Impairment", Groningen

TEORIA SINTÁCTICA E AQUISIÇÃO DA LÍNGUA MATERNA

- Soares, C. (2003) The C-domain and the acquisition of European Portuguese: the case of wh-questions, *Probus*, 15:1, pp.147-176.
- Szendrói, K. (2003) "Narrow and wide focus interpretation in the acquisition of *only* sentences". Paper presented at GALA 2003, Utrecht University.
- Travis, L. (1984) *Parameters and Effects of Word-Order Variation*. Doctoral dissertation, MIT.
- Vikner, S. (1997) V-to-I movement and inflection for person in all tenses. In L. Haegeman (ed.), *The New Comparative Syntax*, Longman, London, pp. 189-213.
- Wexler, K. (1998) Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua* 106, pp. 23-79.
- Wexler, K., A. Gavarró and V. Torrens (2003) Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse and B. Kampers-Manhe (eds.) *Selected Papers from Going Romance 2002*.
- Zubizarreta, M. L. (1998) *Prosody, focus and Word order*. Cambridge: MIT Press.